

JOSÉ ADÁRIO

09 novembro – 20 dezembro, 2022
[November 9th – December 20th, 2022]



Arte e ofício não se separam na trajetória de **José Adário dos Santos** (1947). Nascido no bairro de Caixa d'Água, em Salvador, na Bahia, aos 11 anos de idade foi iniciado no trabalho de ferreiro de candomblé pelo seu mestre e mentor Maximiano Prates, cuja oficina, situada na histórica Ladeira da Conceição da Praia, foi passada para Adário, que ali trabalha até hoje. As ferramentas de santo, esculturas de ferro que operam, no candomblé, uma espécie de mediação entre os homens e os orixás, entre o mundo físico – Aiyê – e o mundo espiritual – Orum –, são utilizadas nos terreiros em rituais e para devoção. Por produzi-las com grande sofisticação formal e originalidade, José Adário, também chamado informalmente de Zé Diabo, passou a ser reconhecido não só como o escultor-ferreiro mais celebrado dos terreiros de candomblé da Bahia, mas como um artista cuja prática é intimamente vinculada às raízes afro-diaspóricas da cultura de sua região – lembremos que Salvador é considerada a cidade mais negra fora da África.

As ferramentas produzidas por José Adário vinculam-se a diferentes orixás que “trabalham com o ferro”, que o possuem como matéria-prima – a começar por Ogum, o guerreiro e senhor das tecnologias. Cada ferramenta traz, de forma geometrizada, signos e aspectos gráficos inculcados à mitologia de cada entidade. Exu, o primeiro orixá no panteão das divindades iorubás, é o mensageiro entre os humanos e os deuses, a corporificação da encruzilhada, e é evocado através de formas que reproduzem os pontos riscados de cada qualidade distinta da entidade (Gira Mundo, Tranca Rua, Caveirinha), compostos por tridentes, lanças, círculos etc. A ferramenta de Ogum, entre as suas variações, trará sempre um arco de onde penderão utensílios agrícolas (machados, pás, facas, foices, lanças, martelos, enxadas, tesouras), sempre em número 7 ou seus múltiplos. Oxóssi, o caçador, tem como símbolo maior o arco e a flecha, seus instrumentos. Ossain, o senhor das ervas, frequentemente contará com folhas e um pássaro no topo de sua ferramenta. Oxumarê, termo de origem iorubá que significa “arco-íris”, é o orixá dos ciclos e da transformação, sendo frequentemente simbolizado por uma ou mais serpentes que envolvem a haste principal da escultura.

O reconhecimento do trabalho de José Adário não vem de hoje. Já em 1968, o estadunidense historiador da arte Robert Farris Thompson (1932-2021), especialista em arte e cultura afro-americana, conheceu o trabalho de Adário em visita à cidade de Salvador, incorporando-o à sua pesquisa. Assim, podemos encontrar menções e análises das esculturas em diversos livros e artigos, como *Icons of the Mind: Yoruba Herbalism Arts in Atlantic Perspective* [Ícones da mente: artes do herbalismo iorubá na perspectiva atlântica] (1975), *Flash of the Spirit: African & Afro-American Art & Philosophy* [A carne do espírito: arte & filosofia africana e afro-americana] (1983) e *Face of the Gods: Art and Altars of Africa and the African Americas* [A face dos deuses: arte e altares da África e das Américas Africanas] (1993). Em todos eles, Farris descreve e relaciona os signos abordados por Adário com a iconografia e liturgia dos povos iorubás, cujas tradições foram trazidas ao Brasil por populações negras escravizadas vindas dos territórios que hoje são países como Nigéria, Benin e Togo.

No que tange à inserção de José Adário no circuito brasileiro das artes, ela se deve, em grande parte, às iniciativas curatoriais do artista e curador Emanuel Araújo (1940-2022) a partir da década de 1990. Adário esteve presente em algumas das principais exposições em que Araújo pôde reunir e difundir a arte e a cultura afro-brasileira, até então fortemente negligenciadas pelas nossas instituições. Entre as mostras, estão: *Os herdeiros da noite – fragmentos do imaginário negro*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1994; *Arte e religiosidade no Brasil: heranças africanas*, Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega - Parque do Ibirapuera, São Paulo, 1997; e *A África por ela mesma*, Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega - Parque do Ibirapuera, São Paulo, 1998.

Para Adário, trabalhar com o ferro é se inscrever na linhagem de descendentes de Ogum a que pertence: seus pais, avós e bisavós todos tinham alguma relação com esse orixá. E, como explica Farris Thompson, Ogum “vive nas chamas da forja do ferreiro, no campo de batalha e, mais especificamente, no fio da faca.” Assim, a prática de José Adário é uma forma de conexão e reverência à entidade. Para além da destreza técnica, fazer as *ferramentas de santo* requer sensibilidade para que se possa captar os desejos do orixá que dará vida e

energia ao artefato. É como se a construção de cada ferramenta partisse do anseio da própria entidade em materializar-se no mundo, sendo o artista, neste caso, o mediador, unindo o campo espiritual e material. Não por acaso, José Adário também é considerado um grande babalorixá.

José Adário é a exposição que inaugura o espaço físico da Galatea e a primeira individual do artista na cidade de São Paulo. A mostra conta com textos críticos de Alana Silveira, produtora e pesquisadora baiana que acompanha Adário há mais de três anos, e Rebeca Carapiá, artista baiana que trabalha com linguagens construídas a partir da lida com o ferro, além de projeto expográfico de Tiago Guimarães. A exposição reúne mais de cinquenta esculturas, em sua maioria criadas para a ocasião, que serão acompanhadas de fotografias de Adenor Gondim, fotógrafo baiano que retrata José Adário no contexto de seu ateliê há mais de três décadas.



EN



Art and craft are not separated in the trajectory of **José Adário dos Santos** (1947). Born in the neighborhood of Caixa d'Água, in Salvador, Bahia, at the age of 11 Adário began his work as a blacksmith of candomblé religious artifacts [ferreiro de santo], learning from his master and mentor Maximiano Prates at the workshop located on the historic Ladeira da Conceição da Praia, where Adário works until today. The Candomblé tools are iron sculptures that serve as a kind of mediation between men and the orixás, between the physical world - Aiyê - and the spiritual world - Orum - and are used in the “terreiros” (temples of Afro-Brazilian religions as Candomblé and Umbanda), in rituals and for devotion. For producing the tools with great formal sophistication and uniqueness, José Adário, also known as Zé Diabo, came to be recognized not only as the most celebrated blacksmith-sculptor in the candomblé temples of Bahia, but an artist whose practice is closely tied to the Afro-diasporic roots of his local culture – we must remember that Salvador is considered the blackest city outside of Africa.

The candomblé tools produced by José Adário are associated with different orishas that “work with iron”, that have it as raw material – starting with Ogum, the warrior and master of technologies. Each tool deals, in a geometrized way, with signs and graphic aspects linked to the mythology of each entity. Exu, the first orisha in the pantheon of Yoruba deities, is the messenger between humans and the gods, the embodiment of the crossroads, and is evoked through shapes that reproduce the “crossed points” [“pontos riscados”, sacred signs] of each distinct quality of the entity (Gira Mundo, Tranca Rua, Caveirinha), composed of tridents, spears, circles, etc. Ogum's tool, among its variations, will always have a bow from which agricultural tools will hang (axes, shovels, knives, sickles, spears, hammers, hoes, scissors), always in number 7 or its multiples. Oxóssi, the hunter, has as his greatest symbol the bow and arrow, his instruments. Ossain, the lord of herbs, will often have leaves and a bird at the top of his tool. Oxumarê, a term of Yoruba origin meaning “rainbow,” is the orixá of cycles and transformation, and is often symbolized by one or more snakes surrounding the main stem of the sculpture.

The recognition of José Adário's work is not new. As early as 1968, the American art historian Robert Farris Thompson (1932-2021), a specialist in African-American art and culture, became acquainted with Adário's work while visiting the city of Salvador, incorporating it into his research. Thus, we can find mentions and analyses of Adário's sculptures in several books and articles, such as *Icons of the Mind: Yoruba Herbalism Arts in Atlantic Perspective* (1975), *Flash of the Spirit: African & Afro-American Art & Philosophy* (1983) and *Face of the Gods: Art and Altars of Africa and the African Americas* (1993). In all of them, Farris describes and relates the signs addressed by Adário to the iconography and liturgy of the Yoruba people, whose traditions were brought to Brazil by enslaved black populations from territories that are now countries such as Nigeria, Benin, and Togo.

Regarding José Adário's insertion in the Brazilian art circuit, it is largely due to the curatorial initiatives of the artist and curator Emanuel Araújo (1940-2022) from the 1990s on. Adário was part of some of the main exhibitions in which Araújo was able to gather and disseminate Afro-Brazilian art and culture, until then strongly neglected by our institutions. Among the shows are: *Os herdeiros da noite - fragmentos do imaginário negro*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1994; *Arte e religiosidade no Brasil: heranças africanas*, Padre Manoel da Nóbrega Pavilion - Ibirapuera Park, São Paulo, 1997; and *A África por ela mesma*, Padre Manoel da Nóbrega Pavilion - Ibirapuera Park, São Paulo, 1998.

For Adário, working with iron means joining the lineage of Ogum descendants to which he belongs: his parents, grandparents, and great-grandparents all had some relationship with this orisha. And, Robert Farris Thompson explains, Ogum "lives in the flames of the blacksmith's forge, on the battlefield and, more particularly, on the cutting edge of iron." Thus, Adário's practice is a form of connection and reverence for the entity. Beyond technical skills, making the Candomblé tools requires sensibility in order to capture the desires of the orisha who will give life and energy to the artifact. It is as if the making of each tool comes from the desire of the entity itself to materialize in the world, and the artist, in this case, is the mediator, uniting the spiritual and material fields.

Not by chance, José Adário is also considered a great babalorisha.

José Adário is the show that inaugurates Galatea's exhibition space and the artist's first solo show in the city of São Paulo. The show includes critical texts by Alana Silveira, producer and researcher from Bahia who has been following Adário for over three years, and Rebeca Carapiá, artist from Bahia who works with languages based on the handling of iron, and the exhibition design is signed by Tiago Guimarães. More than fifty sculptures will be presented, most of them created for the occasion, and will be accompanied by photographs by Adenor Gondim, a photographer from Bahia who has been portraying José Adário in the context of his studio for more than three decades.



Ferramenta de Oxumarê, 2020
77 x 41 x 15 cm [30 1/4 x 16 1/8 x 5 7/8 in]
(ZD-0049)





Ferramenta de Padilha, 2020
64 x 67 x 14 cm [25 1/4 x 26 3/8 x 5 1/2 in]
(ZD-0055)



PT

Estive aqui muitas vezes antes de chegar | por Rebeca Carapiá Sousa Silva

Uma paisagem balança os olhos na Conceição da Praia. À primeira vista, vi da Cidade Baixa os arcos que hoje colorem a subida da ladeira. Antes vazios, abrigavam apenas os ventos que sopravam da Baía, em passo lento os corpos trabalhadores, encorajados e sapientes viram na curva que desenha os pés da Ladeira da Montanha o lugar de ficar e ser futuro.

Nas poucas passagens que fiz quando criança, via a poeira que faz véu de cima para baixo, pó de mármore, areia de praia, salitre e ferro. Este último arde e fásca a cada martelada: como conhecer o trabalho duro dos operários na esquina da Baixa do Fiscal enquanto ouço os estalidos que vem do alto?

Transitar o corpo, conhecer a paisagem, traçar o deslocamento e girar em espiral para ser ancestral no presente, foi o movimento que me trouxe até aqui.

Eu conheci os arcos da Conceição pelo fundo dos pés, já que o buzu que carrega os corpos da Cidade Baixa sobe pela Ladeira da Montanha. Subi dias, anos inteiros, bronzeando o rosto na janela, recebendo a luz do sol matinal a caminho da escola. Escolhi estudar na Cidade Alta, porque todos os dias podia ver o mar e mesmo apertada entre os corpos exaustos nas manhãs de segunda feira: sorria, pois andar junto de uma ponta a outra me fez aprender a estar em movimento.

Antes de escutar o estalo da bigorna que orna e faz companhia ao Sr. Zé Adário, furei inúmeras vezes as mãos nos restos de arames jogados no chão da Feira do Rolo. Catei com meu irmão os fios que hoje escrevem palavras quebradas e cheias de ar, fios de cobre que se embolam com a língua e os cabelos para dizer daquilo que conheço pouco, mas sinto muito.

O Barco feito para afundar, que hoje arrasto pelo fundo da casa alagada, navegou nas águas das enchentes recolhendo as memórias enferrujadas para grafar histórias nunca escritas. O salitre que corrói as paredes da chapa de 1/2" escorreu do Uruguai a Ladeira da Conceição da Praia e por isso peço Agô para acender a quentura que molda esse encontro com Sr. Zé.



Cheguei sessenta e dois dias antes para esse momento, bati na porta vazia do arco 26, mas precisava atravessar o Atlântico para encontrar as portas abertas e aprendi nos espaços da palavra **t e m p o** que distância não é ausência e nesses dias estive aqui muitas vezes.

“Seu Zé”, que é muito mais Senhor do ferro, da forja e das coisas que nunca saberemos, conta histórias acompanhado da bigorna que recebe o ferro quente e molda a marteladas os pássaros que queimam os dedos antes de pousar na água. E foi com dedos em brasa e o corpo cheio de fuligem que vi Zé Diabo acender o fogo, gargalhar e dobrar a materialidade que ergue o teto sobre nossas cabeças.

É no risco fino para marcar os 30cm da barra redonda de 3/8 que o pássaro enverga sua coluna e as marteladas em ritmo compassado cantam para o topo da ferramenta de Ossain, que o ferro dentro da forja vermelha, cede. Ouço no fundo da oficina ele dizer: “eu não me abro pra todo mundo não, viu?!” Enquanto me ensina no “susto” a forja que aprendeu com seu Mestre, que sem partir, sem cortar, sem quebrar, faz nascer cabeça e asa.

Com as mãos dentro do carvão, o fogo acende antes da brasa e na força do gesto circula, grafando, criando dentro do invisível, como nos ensina Leda Maria Martins, que nos conta sobre tempo espiralar e performatividade. A vibração da máquina de forja, dos alicates fundidos sobre a poeira de tudo que já foi queimado parece nos contar sobre dias que virão e já se foram.

Cada faísca que corta quente o chão, traduz permanência e escuta. É no invisível que nos encontramos, eu e Sr. Zé, no dito sem dizer, no gesto fazendo. A energia que dobra o ferro entre os dedos é a mesma que mantém nossas pernas firmes no chão batido e ergue o peso da marreta. Nós que nos encontramos com os fios de contas azuis e verdes no pescoço, sentados nas cadeiras de plástico, sabemos que no grito da máquina que corta também se faz feitiço.

Ao Mestre José Adário, ferreiro dos orixás, Modupé.



I was here many times before I arrived | by Rebeca Carapiá Sousa Silva

A landscape shakes the eyes at the sanctuary of Conceição da Praia. At first glance, I saw from Cidade Baixa the arches that now color the climb up the hill. Once they were empty, sheltering only the winds that blew in from the Bay; at a slow pace the working, encouraged, and sapient bodies saw in the curve that traces the feet of the Ladeira da Montanha, the place to stay and to be the future.

In the few strolls I took as a child, I saw the dust that veils from top to bottom, marble dust, beach sand, saltpeter and iron. The latter burns and sparks with each hammering: how can I know the hard work of the laborers on the corner of Baixa do Fiscal while listening to the clicks coming from above?

To move the body, to know the landscape, to trace the displacement, and to spiral around to be ancestral in the present — those were the movements that brought me here.

I knew the arches of Conceição from the bottom of my feet, since the bus that carries the bodies from Cidade Baixa goes up the Ladeira da Montanha. I climbed for days, whole years, tanning my face at the window, receiving the morning sunlight on my way to school. I chose to study at Cidade Baixa, for every day I could see the sea and, even though squeezed between exhausted bodies on Monday mornings, I smiled, because walking together from one end to the other made me learn to be in motion.

Before I heard the crack of the anvil that ornaments and keeps Mr. Zé Adário company, I pierced my hands countless times on the scraps of wire lying on the floor of the Feira do Rolo [improvised street market]. With my brother, I picked up the threads that today write words, broken and full of air, copper threads that tangle with the tongue and the hair to say of what I know little but feel very much. I know little, but feel a lot.

The Boat made to sink, which today I drag along the bottom of the flooded house, sailed through the flood waters collecting the rusty memories to write stories that were never written down. The saltpeter that corrodes the walls of the 1,5 inches iron sheet dripped from Uruguay to Ladeira da Conceição da Praia, and so I ask Agô to ignite the heat that shapes this meeting with Mr. Zé.

I arrived sixty-two days early for this moment, knocked on the empty door of arch 26, but needed to cross the Atlantic to find the doors open, and learned in the spaces of the word **t i m e** that distance is not absence and in those days I was here many times.

“Mr. Zé”, who is much more the Lord of iron, of the forge, and of things we will never know, tells stories accompanied by the anvil that receives the hot iron and hammers the birds that burn their fingers before landing in the water. And it was with burning fingers and a body full of soot that I saw Zé Diabo light the fire, laugh, and bend the materiality that raises the roof over our heads.

It is in the fine scratch made to mark the 30cm of the 3/8 round bar that the bird hoists its Column, the hammering in rhythmic pace sings to the top of Ossain’s tool, and the iron inside the red forge gives in. In the back of the workshop I hear him say: “I don’t open myself to everyone, you see!”, while hastily teaching me the forge that he learned from his Master, that without breaking, without cutting, without cracking, makes head and wing grow.

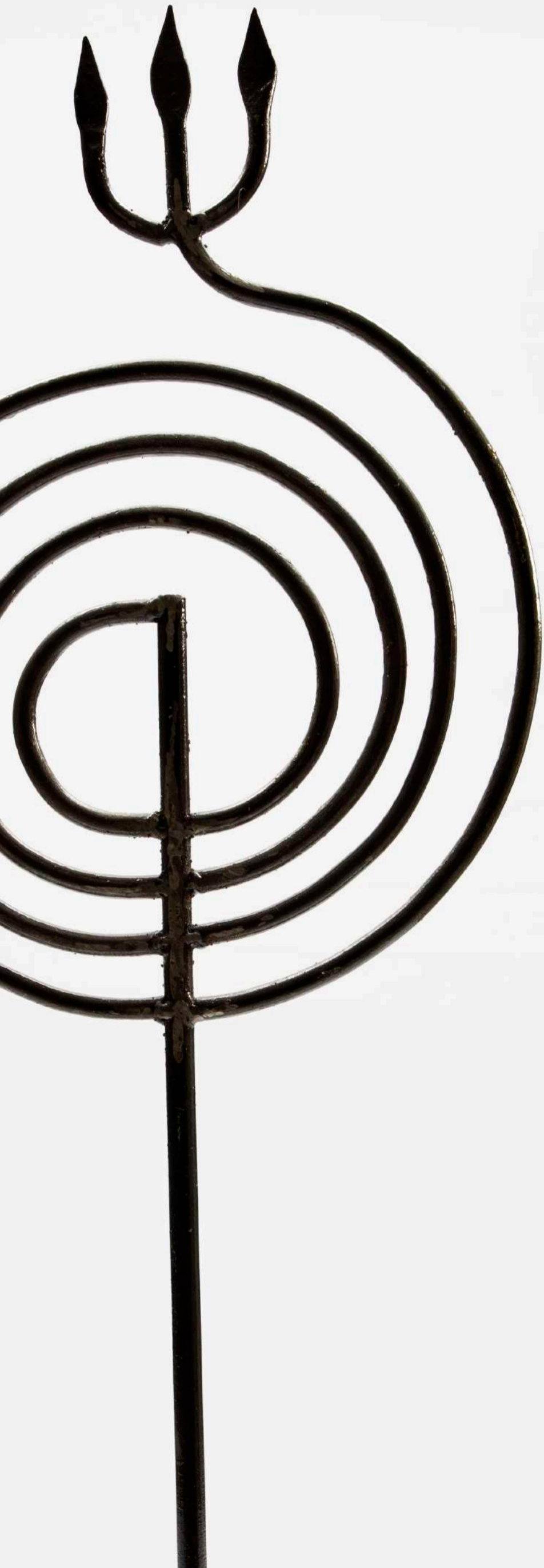
With the hands in the coal, the fire ignites before the ember and in the strength of the gesture it circulates, sketching, creating within the invisible, as Leda Maria Martins teaches when she tells us about spiral time and performativity. The vibration of the forging machine, of the cast pliers upon the dust of all that has already been burned, seems to tell us about days to come and gone.

Each spark that cuts hotly through the ground translates into permanence and listening. It is in the invisible that we meet, Mr. Zé and I, in what is said without saying, in the gesture of making. The energy that bends the iron between our fingers is the same energy that keeps our legs steady on the ground and lifts the weight of the sledgehammer.

We who meet wearing the strings of blue and green beads around our necks, sitting on the plastic chairs, know that in the scream of the machine that cuts, spells are also made.

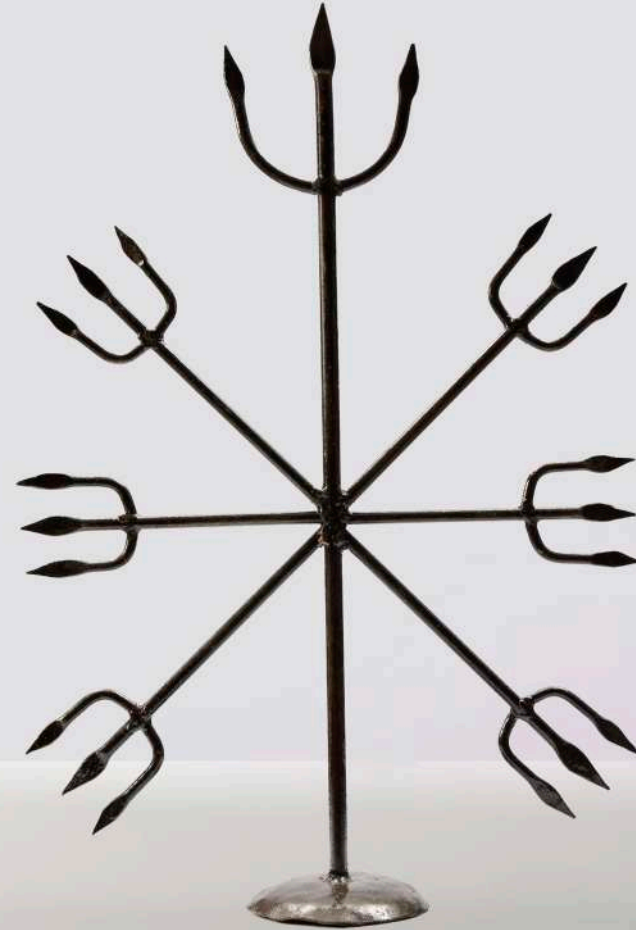
To Master José Adário, blacksmith of the orishas, Modupé.

Traduzido por Julia de Souza [Translated by Julia de Souza]





Ferramenta de Exu (escravo de Agé), 2020
72.5 x 45 x 12 cm [28 1/2 x 17 3/4 x 4 3/4 in]
(ZD-0062)



Ferramenta de Exu
64 x 44 x 13 cm [height 25 5/8 in]
(ZD-0013)

X 144

1/2

3 1/2

40

45

EXW

~~250,000~~

~~228-18-20~~

~~110,000~~

230,000

~~175,000~~

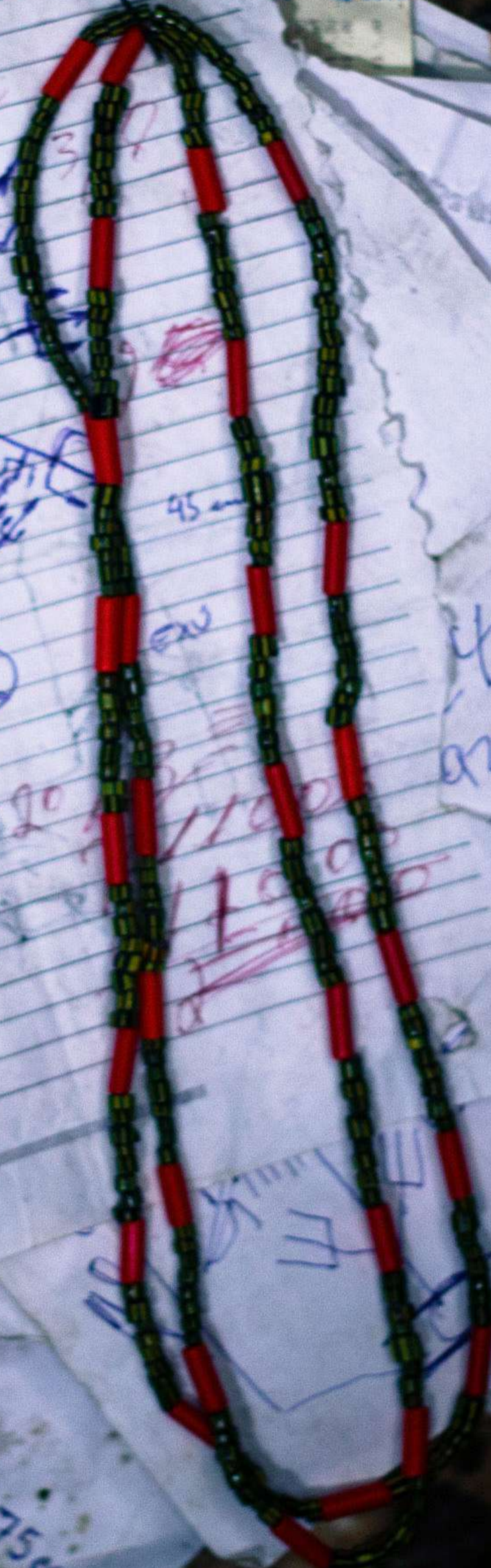
4
92881-7331
MARCO

950,000
3-8-20

12-8-2013



75cm



01
05
016
009
0440
1526

Handwritten notes on a small piece of paper.

Logo

Ferramenta de Exu Caveirinha, 2020
79 x 58 x 14 cm [31 1/8 x 22 7/8 x 5 1/2 in]
(ZD-0063)







Ferramenta de Padilha (Maria Mulambo), 2022
70 x 28 x 38 cm [27 1/2 x 11 x 15 in]
(ZD-0018)



Ferramenta de Exu Tranca Rua, 2022
67 x 15 x 30 cm [26 3/8 x 5 7/8 x 11 3/4 in]
(ZD-0017)



Adenor Gondim (1950)

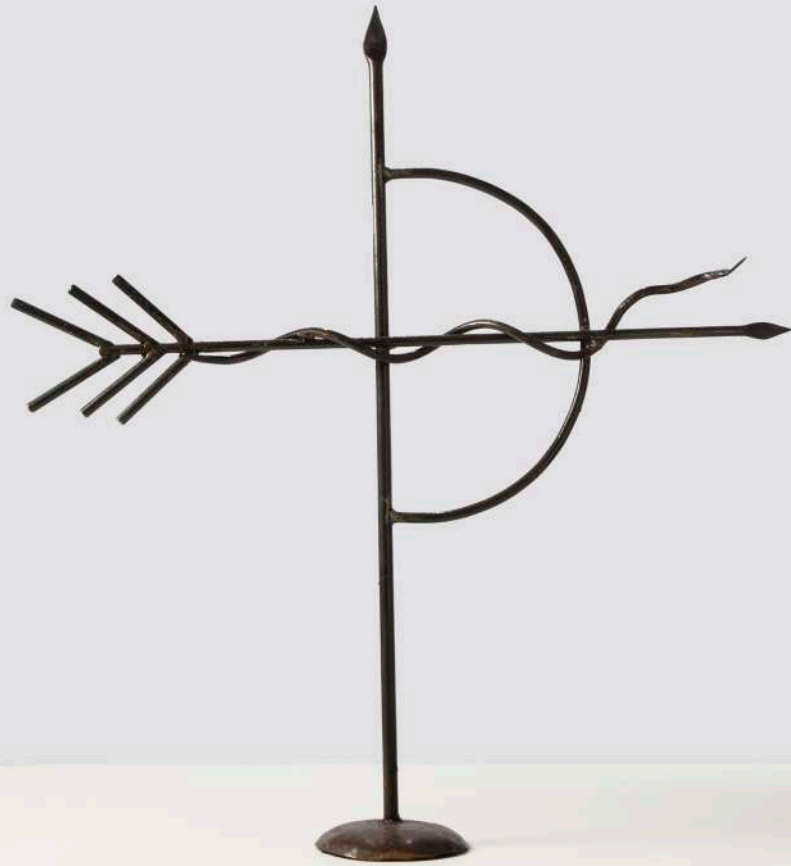
Sem título, da série O canto encantado de José Adário (Zé Diabo), Ferreiro de Orixás da Bahia de Todos os Santos
[Untitled, from the series The enchanted chant of José Adário, blacksmith of Candomblé tools from Bahia de Todos os Santos], 2006
Impressão em papel Hahnemühle Studio Enchanced 210gr [Print on Hahnemühle Studio Enchanced 210gr paper]
92.5 x 120 cm [36 3/8 x 47 1/4 in] | Edição de 10 [Edition of 10]

(AGD-0001)



Ferramenta de Ogum Xoroquê, 2021
81 x 59 x 14 cm [31 7/8 x 23 1/4 x 5 1/2 in]
(ZD-0009)





Ferramenta de Caboclo, 2021
65 x 79.5 x 12.5 cm [25 5/8 x 31 1/4 x 4 7/8 in]
(ZD-0022)



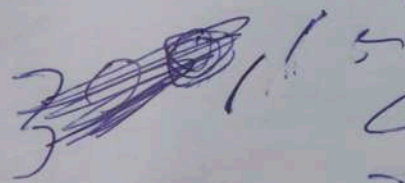
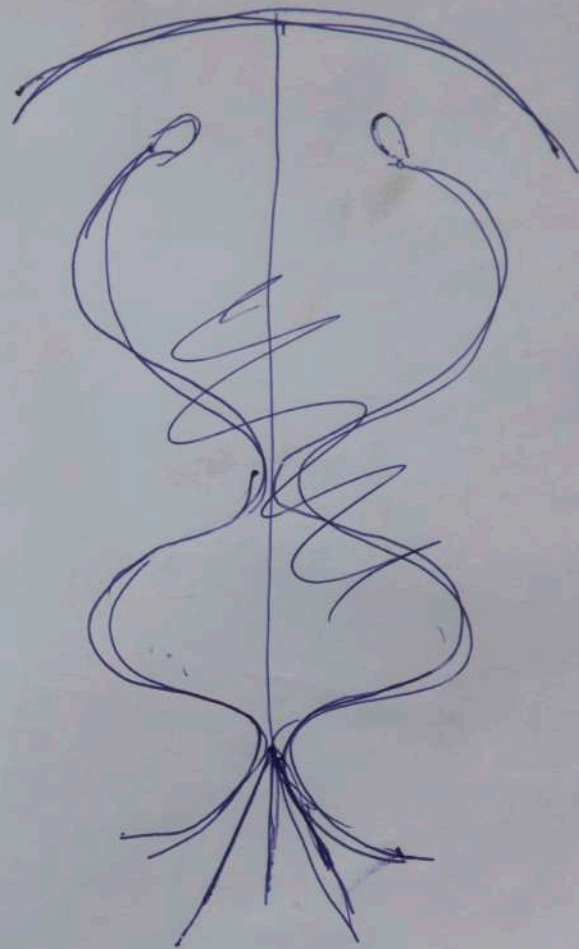
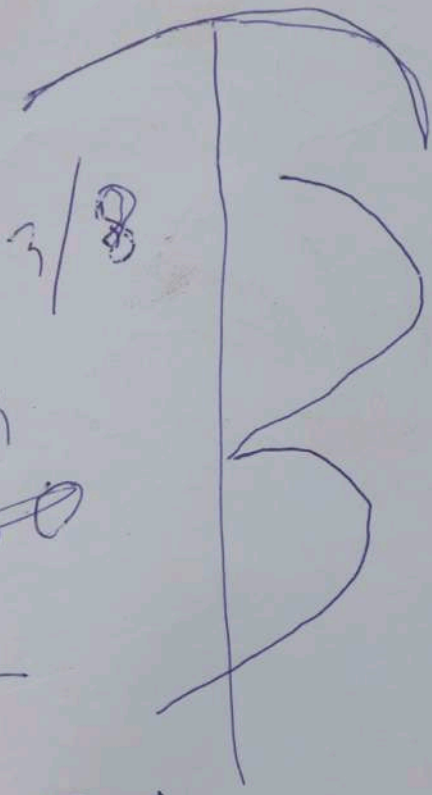
Ferramenta de Exu Gira Mundo, 2021
84 x 55 x 15 cm [33 1/8 x 21 5/8 x 5 7/8 in]
(ZD-0020)



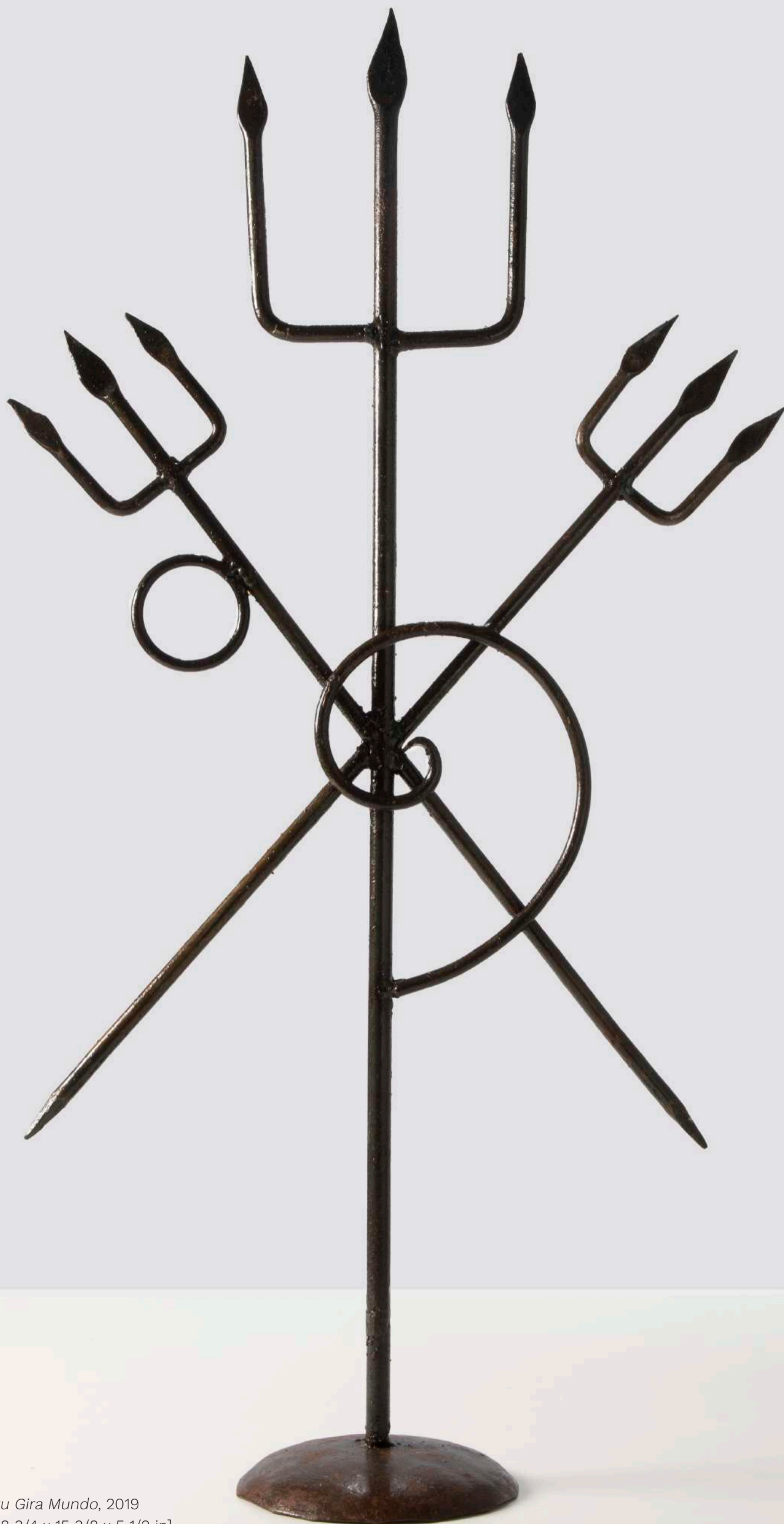
Ferramenta de Oxumarê, 2022
65 x 20 x 14.5 cm [25 5/8 x 7 7/8 x 5 3/4 in]
(ZD-0070)







Jan 3-5-2022



Ferramenta de Exu Gira Mundo, 2019
73 x 39 x 14 cm [28 3/4 x 15 3/8 x 5 1/2 in]
(ZD-0067)

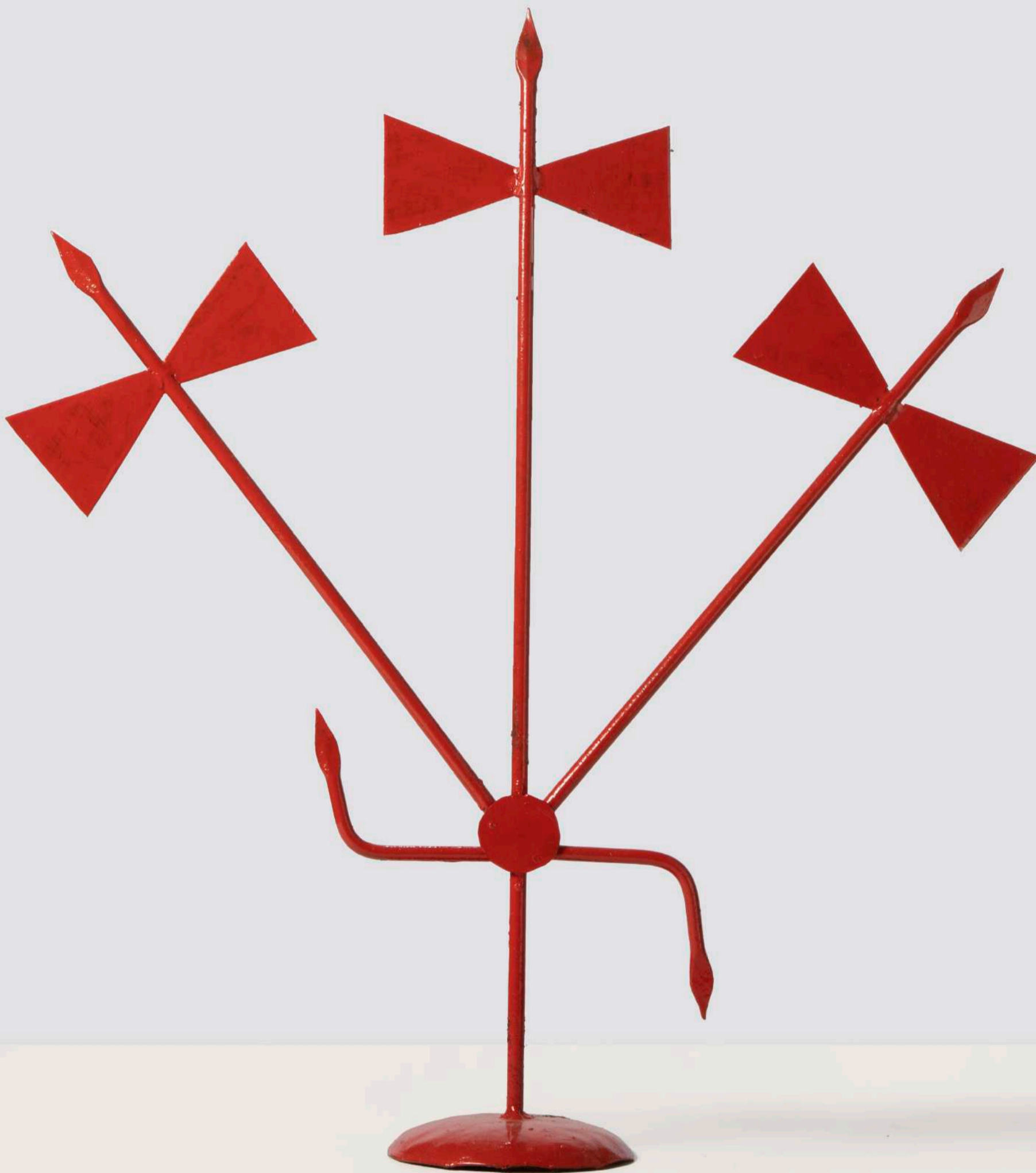


Ferramenta de Oxóssi
75.5 x 31.5 x 13 cm [29 3/4 x 12 3/8 x 5 1/8 in]
(ZD-0048)



Ferramenta de Ossain
73.5 x 54 x 13 cm [29 x 21 1/4 x 5 1/8 in]
(ZD-0047)

Ferramenta de Xangô
50 x 45 x 15 cm [19 3/4 x 17 3/4 x 5 7/8 in]
(ZD-0021)







Ferramenta de Padilha, 2021
64 x 67 x 13 cm [25 1/4 x 26 3/8 x 5 1/8 in]
(ZD-0050)



Ferramenta de Exu, 2019
80 x 39 x 13 cm [31 1/2 x 15 3/8 x 5 1/8 in]
(ZD-0045)





Adenor Gondim (1950)

Sem título, da série *O canto encantado de José Adário (Zé Diabo), Ferreiro de Orixás da Bahia de Todos os Santos* [Untitled, from the series *The enchanted chant of José Adário, blacksmith of Candomblé tools from Bahia de Todos os Santos*], 2004
Impressão em papel Hahnemühle Studio Enchanced 210gr [Print on Hahnemühle Studio Enchanced 210gr paper]
60 x 90 cm [23 5/8 x 35 3/8 in] | Edition of 10

(AGD-0009) (AGD-0005)

da esquerda para direita [from left to right]:

Ferramenta de Exu Gira Mundo, 2021 | Ferramenta de Oxóssi, 2022 | Ferramenta de Exu Gira Mundo, 2021 |

Ferramenta de Exu | Ferramenta de Exu Tranca Rua, 2022 | Ferramenta de Exu, 2019 | Ferramenta de Exu Tranca Rua, 2019







Ferramenta de Tempo, 2021
65 x 41 x 13 cm [25 5/8 x 16 1/8 x 5 1/8 in]
(ZD-0054)







Ferramenta de Egum, 2022
82 x 52 x 12 cm [32 1/4 x 20 1/2 x 4 3/4 in]
(ZD-0066)

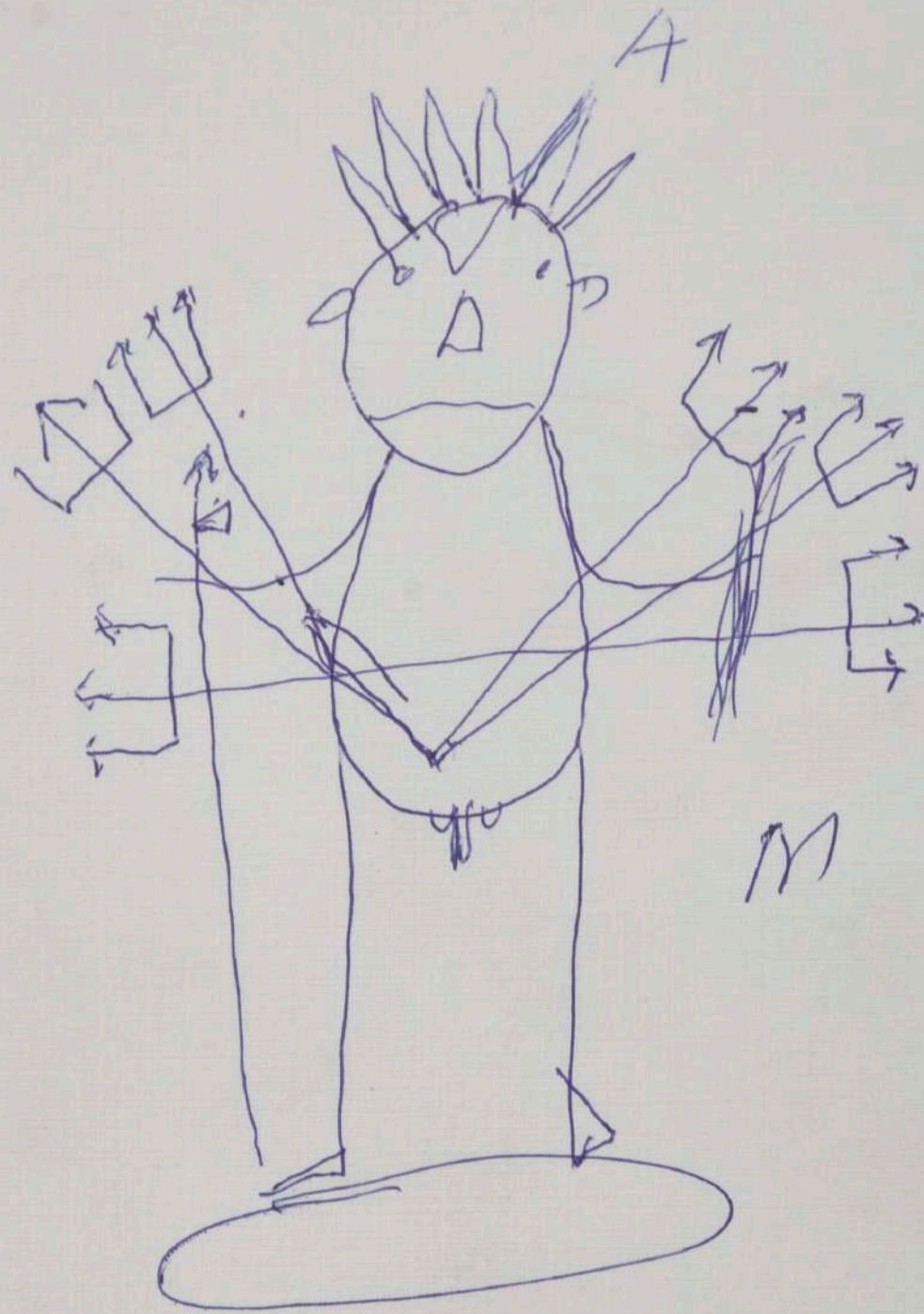




Adenor Gondim (1950)

Sem título, da série *O canto encantado de José Adário (Zé Diabo), Ferreiro de Orixás da Bahia de Todos os Santos*
[Untitled, from the series *The enchanted chant of José Adário, blacksmith of Candomblé tools from Bahia de Todos os Santos*], 2004
Impressão em papel Hahnemühle Studio Enchanced 210gr [Print on Hahnemühle Studio Enchanced 210gr paper]
80 x 120 cm [31 1/2 x 47 1/4 in] | Edição de 10 [Edition of 10]

(AGD-0004)



Ferramenta de Exu (escravo de Xangô), 2022
78 x 44.5 x 37 cm [30 3/4 x 17 1/2 x 14 5/8 in]
(ZD-0071)

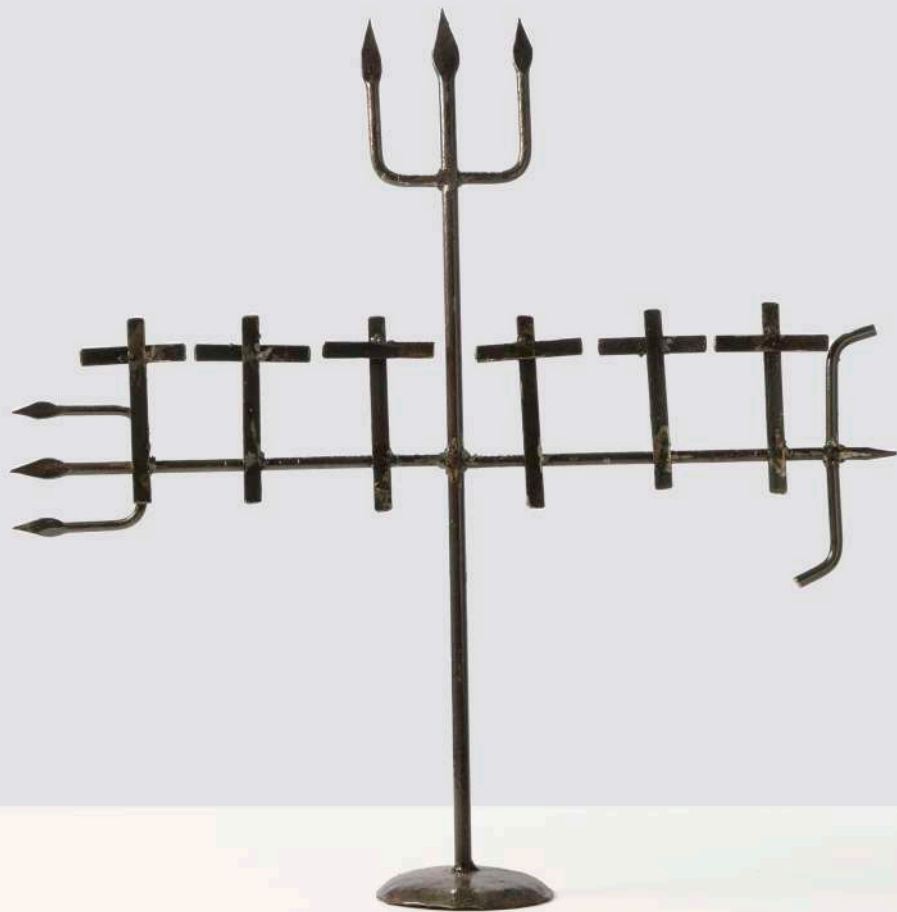




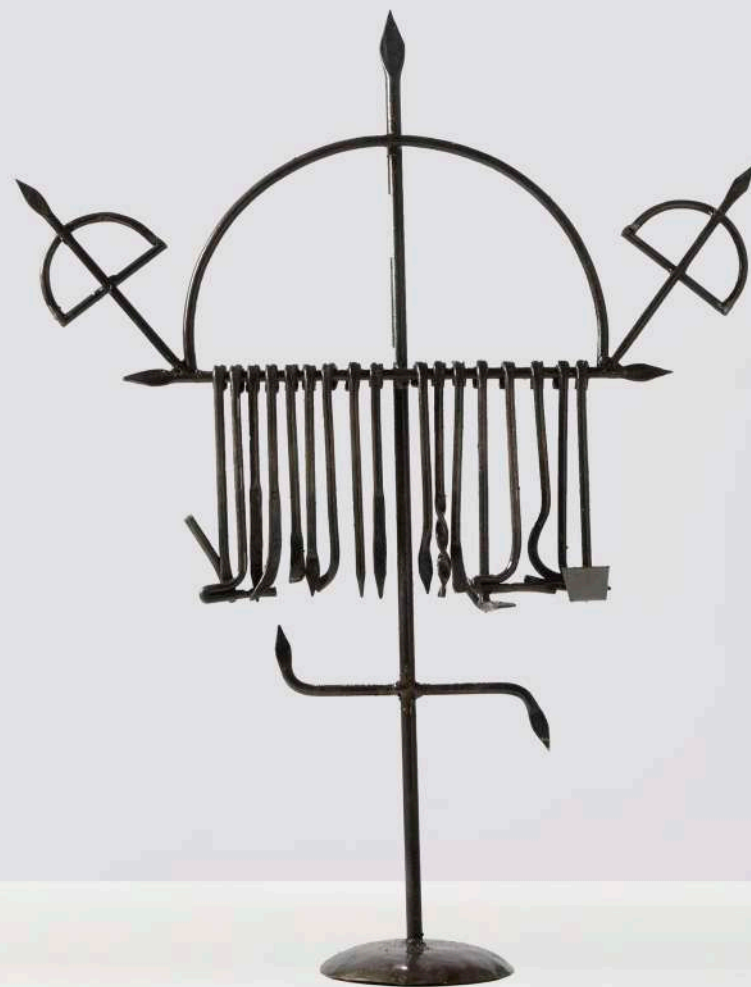
Adenor Gondim (1950)

Sem título, da série *O canto encantado de José Adário (Zé Diabo), Ferreiro de Orixás da Bahia de Todos os Santos* [Untitled, from the series *The enchanted chant of José Adário, blacksmith of Candomblé tools from Bahia de Todos os Santos*], 2004
Impressão em papel Hahnemühle Studio Enchanced 210gr [Print on Hahnemühle Studio Enchanced 210gr paper]
90 x 60 cm (cada) [35 3/8 x 23 5/8 in (each)] | Edição de 10 [Edition of 10]

(AGD-0006) (AGD-0007) (AGD-0010)



Ferramenta de Egum, 2021
64 x 64 x 12.5 cm [25 1/4 x 25 1/4 x 4 7/8 in]
(ZD-0053)



Ferramenta de Oxóssi, 2022
85 x 60 x 15 cm [33 1/2 x 23 5/8 x 5 7/8 in]
(ZD-0046)

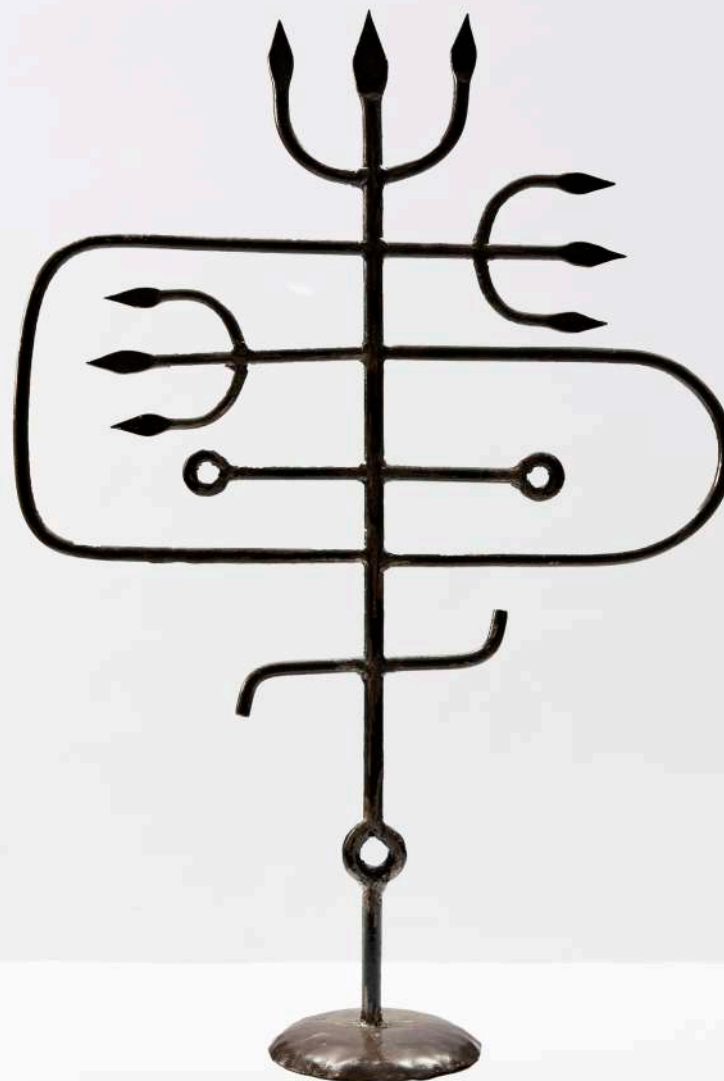


Ferramenta de Ogum Onirê, 2022
76 x 45 x 46 cm [29 7/8 x 17 3/4 x 18 1/8 in]
(ZD-0069)

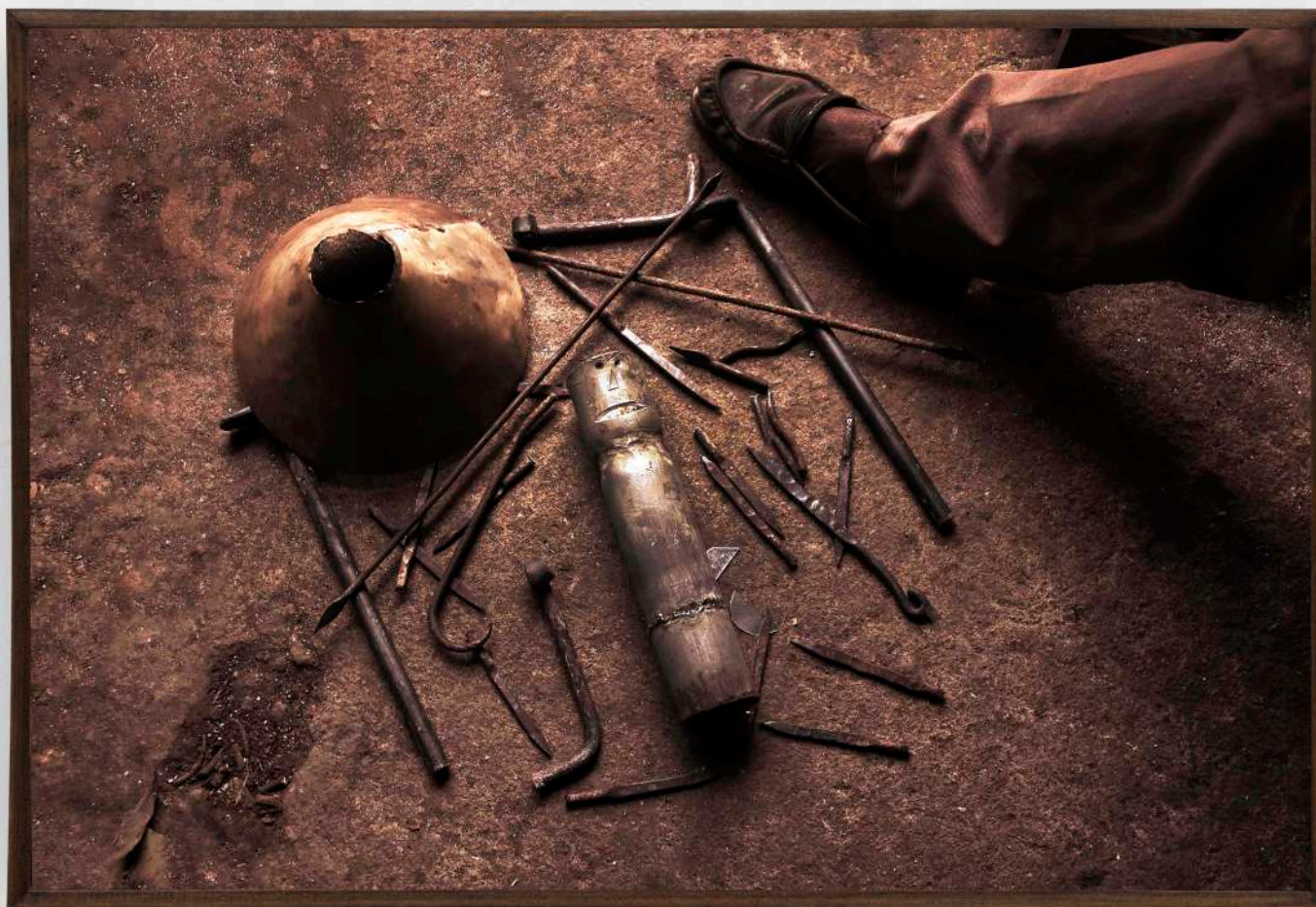




Ferramenta de Oxóssi Odé, 2021
77 x 47 x 14 cm [30 1/4 x 18 1/2 x 5 1/2 in]
(ZD-0010)



Ferramenta de Exu (Arranca toco)
62 x 43 x 13 cm [24 3/8 x 16 7/8 x 5 1/8 in]
(ZD-0002)



Adenor Gondim (1950)

Sem título, da série *O canto encantado de José Adário (Zé Diabo), Ferreiro de Orixás da Bahia de Todos os Santos*
[Untitled, from the series *The enchanted chant of José Adário, blacksmith of Candomblé tools from Bahia de Todos os Santos*], 2004
Impressão em papel Hahnemühle Studio Enchanced 210gr [Print on Hahnemühle Studio Enchanced 210gr paper]
80 x 120 cm [31 1/2 x 47 1/4 in] | Edição de 10 [Edition of 10]

(AGD-0011)

Ferramenta de Ogum Xoroquê, 2022
88 x 44 x 15 cm [34 5/8 x 17 3/8 x 5 7/8 in]
(ZD-0041)





JOSÉ ADÁRIO DOS SANTOS

Salvador, Bahia, Brasil, 1947

Vive e trabalha em Salvador, Bahia | Lives and works in Salvador, Bahia

Exposições individuais | Solo shows

2021

Alagbedé - O Ferreiro dos Orixás, Arco 26, Ladeira da Conceição da Praia, Salvador, Brasil**Exposições coletivas | Group shows**

2022

Encruzilhada, Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM-BA, Salvador, Brasil*Um Defeito de Cor*, Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro, Brasil*Calor Universal*, Pace Gallery, New York, USA*Coleção MAR + Enciclopédia Negra*, Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro, Brasil*Semana sim, semana não: paisagens, corpos e cotidianos entre um século*, Casa Zalszupin, São Paulo, Brasil

2019

À Nordeste, Sesc 24 de maio, São Paulo, Brasil*O Rio dos Navegantes*, Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro, Brasil*A Cidade da Bahia, das baianas e dos baianos também*, Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil*Entre o Aiyê e o Orum*, Caixa Cultural Salvador, Bahia, Brasil

2018

Axé Bahia: the power of art in an Afro-Brazilian metropolis, Fowler Museum, California, Los Angeles, USA

2015

Emblemas e signos: Rubem Valentim e José Adário, Sesc Catanduva e Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil

2004

Italyê Ogun - Adenor Gondim, Pinacoteca do Estão de São Paulo, São Paulo, Brasil

1998

A África por ela mesma, Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega - Parque do Ibirapuera, São Paulo, Brasil

1997

Arte e religiosidade no Brasil: heranças africanas, Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega - Parque do Ibirapuera, São Paulo, Brasil

1994

Afrikanische Religiosität in Brasilien; Kunst und Afro-Brasiliad, Frankfurter Kunstverein, Frankfurt, Germany*Os herdeiros da noite: fragmentos do imaginário negro*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil**Coleções públicas | Public collections**

Casa do Rio Vermelho, Salvador, Brasil

Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil

Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil

Museu da Cultura Nacional Afro-Brasileira – Muncab, Salvador, Brasil

Literatura | Literature*À Nordeste*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2019*A cidade da Bahia, das baianas e dos baianos também*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2019*Entre o Aiyê e o Orun*. Salvador: Caixa Cultural Salvador, 2019*Axé Bahia: The Power of Art in an Afro-Brazilian Metropolis*. Los Angeles:

Fowler Museum at UCLA, 2018

Mestres Artífices da Ladeira da Conceição da Praia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017

Jóias De Crioula. São Paulo: Terceiro Nome, 2011

O Museu Afro Brasil. São Paulo: Instituto Cultural J. Safra, 2010

Italyê Ogun – Adenor Gondim. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2004

Arte e Religiosidade no Brasil: heranças africanas - II Encontro Nacional da Cultura. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1997

Afrikanische Religiosität in Brasilien; Kunst und Afro-Brasilidade; African religiosity in Brazil; Afro-Brazilian art; Religiosidade africana no Brasil; Arte afro-brasilidade. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994

Os Herdeiros da Noite: fragmentos do imaginário negro. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1994

Robert Farris Thompson. *Flash of the Spirit: African & Afro-American Art & Philosophy*. New York: Vintage Books/Random House, 1984

*pesquisa em andamento [ongoing research]



site do artista e documentário

lista completa de obras

vídeo

Direção e Edição: Filipe Cordon

expografia

Tiago Guimarães

cenotecnia

Bruno Fonseca

fotos

Ruy Teixeira

páginas 6, 19, 28 e 34: Lucas Marques

página 49: Alana Silveira

agradecimentos

Adenor Gondim

Alana Silveira

Anita Pastonesi

Bruno Fonseca

Carlos Melin

Cristina e Roberto Alban

Filipe Cordon

Fernanda Morse

João Henrique Cunha

José Adário dos Santos

Lucas Marques

Luci Oliveira

Nelson Boainain

Olivia Tavares

Rafael Moraes

Rebeca Carapiá

Ruy Teixeira

Tiago Guimarães

galatea